

Sobre a guerra

Há diferenças entre os conflitos diretos e as intervenções militares. Sob essa ótica, insisto: os EUA não vencem uma contenda desde 1945

POR ALDO FORNAZIERI

Carta Capital, 14.05.2026

No artigo “[Maus perdedores](#)” ([abaixo](#)), de 15 dias atrás, afirmei que os Estados Unidos não venceram nenhum conflito depois da Segunda Guerra Mundial. Afirmção que mereceu críticas de alguns amigos e leitores. Indiquei o empate na guerra das Coreias e as derrotas no Vietnã, no Iraque e no Afeganistão.

Os críticos afirmaram que os Estados Unidos venceram a guerra do Iraque e também conflitos como na ex-Iugoslávia e na Líbia. Não mencionei esses países ou outros por considerar que se tratou de intervenções militares e não de guerras. Diferentemente das Coreias, do Vietnã, do Iraque e do Afeganistão, os especialistas consideram que na ex-Iugoslávia aconteceu, entre 1991 e 2001, um conjunto de guerras civis e de independência com uma intervenção militar estrangeira efetivada pela Otan, com a participação dos Estados Unidos. Na Líbia, no contexto da derrubada de Muammar Kadhafi, também aconteceu uma guerra civil com intervenção militar externa.

Essa diferenciação se justifica porque os conceitos de guerra e de intervenção militar são distintos em se tratando de relações entre Estados. A guerra se define por um conflito armado, geralmente declarado, e organizado entre Estados. Nas guerras há o uso de contingentes militares significativos e de recursos em armas com grande poder destrutivo. O objetivo consiste em derrotar o inimigo, visando a rendição ou um acordo de paz que lhes seja desvantajoso.

A intervenção militar caracteriza-se também pelo uso de força de um país ou grupo de países em território de outro para resolver conflitos civis, crises e para conduzir o desfecho político em determinada direção ou mediar uma solução negociada. Na guerra, o objetivo consiste em infringir pesadas perdas militares e de infraestrutura ao inimigo. Na intervenção, o objetivo é mais limitado e localizado.

Não há dúvida de que na guerra das Coreias ocorreu um empate, sem vencedores definidos. Há acordo também de que no Vietnã e no Afeganistão os norte-americanos saíram derrotados. As observações críticas se referiram à afirmação de que os Estados Unidos saíram derrotados também no Iraque. Essa controvérsia remete à análise do conceito de natureza da guerra.

Quando se discute a natureza da guerra, a primeira polêmica diz respeito a se ela é inata à natureza humana ou algo artificial, imbricada com a existência do Estado. Nos dois grupos existem, no entanto, estudiosos e analistas que sustentam que, a partir do surgimento das cidades-Estados, impérios antigos e dos Estados modernos, a guerra tornou-se política, ou seja, assumiu uma natureza política.

O principal teórico, na modernidade, que sustenta a natureza política da guerra é, sem dúvida, Carl von Clausewitz. Não que a guerra se reduza à determinação política, mas este é o aspecto preeminente. Para ele, “a guerra não é meramente um ato político, mas verdadeiramente um instrumento político, uma continuação do intercâmbio político, conduzido por outros meios”. Resultou dessa afirmação a famosa máxima de que a guerra é a continuidade da política por outros meios.

O ponto de partida do autor de *Da Guerra* é que os conflitos são eventos entre Estados. Assim, a guerra não pode ser pensada como algo autônomo, de natureza militar, mas sempre como um instrumento da política. “A política permeará todas as operações militares e terá uma influência contínua sobre elas”, diz. No fim do século XX e início do século XXI, vários teóricos afirmaram a superação do pensamento de Clausewitz, mas o colapso da Ordem Internacional e do multilateralismo reafirmou com contundência as suas teses.

Dessa forma, o critério de julgamento último de uma guerra é político, não militar, embora o aspecto militar deva ser considerado. Os Estados Unidos alcançaram uma rápida vitória militar na guerra contra o Iraque, mas hoje há um amplo reconhecimento de que fracassaram nos objetivos políticos.

Os objetivos estratégicos planejados não foram alcançados: estabelecimento de uma democracia estável, neutralização do Irã, segurança e estabilidade regional e eliminação das armas de destruição em massa, justificativa falsa para a incursão. O Iraque hoje é política e militarmente instável, com o crescimento da influência do Irã. Além dos altos custos humanos e materiais do conflito, houve uma gestão ineficiente da reconstrução, uma desestruturação do Estado, uma dissolução do exército e o surgimento de grupos de resistência e insurgentes. A reputação internacional dos Estados Unidos foi fortemente abalada.

As conclusões sobre o desfecho da guerra do Iraque apontam para os limites do poder militar para promover mudanças políticas e sociais. Por estas e outras razões, a guerra do Iraque é computada como fracasso, uma derrota dos Estados Unidos. •

Publicado na edição nº 1413 de *CartaCapital*, em 20 de maio de 2026.

Este texto aparece na edição impressa de *CartaCapital* sob o título ‘Sobre a guerra’

A opinião de colunistas e articulistas não representa, necessariamente, a opinião de CartaCapital.

Maus perdedores

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA insistem na força bruta e acumulam derrotas

POR **ALDO FORNAZIERI**
CARTACAPITAL, 30.04.2026 1

Donald Trump [sempre](#) exalta o poderio dos EUA e classifica seus inimigos como perdedores. Já chamou os iranianos de loucos, bastardos e animais. Se tivesse senso crítico, perceberia que seu próprio país carrega um vexatório histórico de derrotas militares. Desde a Segunda Guerra Mundial, os norte-americanos não venceram nenhuma guerra, mesmo com as tropas mais bem equipadas do planeta.

Na guerra das Coreias, os EUA não perderam nem venceram. Há um consenso, entre os especialistas, de que saíram derrotados do Vietnã. Não sabiam como travar um conflito não convencional. Os vietnamitas adotaram uma estratégia de desgaste, usando táticas de guerrilha, com emboscadas e armadilhas, contrabalançando o poderio dos norte-americanos.

Os vietnamitas tinham conhecimento do terreno, apoio popular e determinação política para se defender das potências agressoras. A trilha “Ho Chi Min” garantiu apoio logístico e abastecimento contínuo de armas e recursos do Norte para o Sul. As bandeiras da resistência e da unificação deram aos nativos grande vantagem, implicando desmoralização das tropas norte-americanas, que se retiraram em 1973.

Houve também uma humilhante e desmoralizadora retirada no Afeganistão em 2021, após 20 anos de guerra. O general Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto, reconheceu que a campanha “foi um fracasso estratégico”, com o custo de mais de 2 trilhões de dólares e 5 mil norte-americanos mortos. A saída caótica de Cabul foi marcada pelo desespero, lembrando a queda de Saigon, no Vietnã.

No Iraque, os EUA travaram uma guerra convencional motivada pela [mentirosa alegação](#) de haver, por lá, “armas de destruição em massa”. Elas jamais foram encontradas. Sadam Hussein foi deposto, mas os norte-americanos saíram politicamente derrotados. Os EUA não conseguiram constituir um governo “democrático, estável e alinhado”, resultando em um caos interno que persiste até hoje.

Com o passar do tempo, o custo da intervenção ultrapassou 6 trilhões de dólares. Sem compreender a estrutura social e cultural iraquiana, a principal falha estratégica consistiu em não ter um planejamento pós-ocupação. O Iraque continua instável, com insurgências civis e crescente influência do Irã.

Além das evidências históricas, a tese de que os EUA são militarmente incompetentes leva em conta suas capacidades tecnológicas e financeiras. O país tem a maior receita de defesa do mundo, superando a soma dos orçamentos de todas as outras nações. Tem cerca de 800 bases militares espalhadas pelo planeta e uma capacidade ímpar de projeção de poder por porta-aviões e outros equipamentos.

A Heritage Foundation sustenta que a prontidão das forças norte-americanas é fraca e marginal, com dificuldade de vencer conflitos regionais importantes e, simultaneamente, manter a presença global. O esgotamento de estoques de armas é recorrente e vem se manifestando agora, contra o Irã.

O princípio orientador das forças armadas norte-americanas é o do uso da **força bruta** em detrimento da inteligência. A síntese desse paradoxo se expressa na afirmação: “Excelência operacional e incompetência estratégica”. No governo Trump, essa verdade encontrou sua plenitude.

No livro *The Cost of Loyalty: Dishonesty, Hubris, and Failure in the U.S. Military* (Bloomsbury, 2020), Tim Bakken faz uma crítica devastadora às forças armadas dos EUA. Os gastos militares são absurdos, a presença em 800 bases espalhadas por 70 países é injustificável e esse poder é sustentado por uma sociedade fechada e por um princípio de lealdade que gera derrotas, incompetência e massacre de inocentes. Ele propõe que as tropas norte-americanas sejam reintegradas à sociedade civil, que deve controlá-las.

No fim de março, Tobin Harshaw, editor sênior da Bloomberg Opinion, publicou um artigo resgatando um livro de 1976 de Norman Dixon, intitulado *A Psicologia da Incompetência dos Militares*, onde são analisados grandes desastres em campos de batalha da história britânica. A obra mostra que eles seguiram um padrão consistente e repetitivo de decisões ruins. Os homens que decidiam sobre as guerras tinham duas características: acreditavam que ela se resume à força bruta, não à inteligência, e eram anti-intelectuais radicais, contrários à educação acadêmica.

Pete Hegseth, atual secretário da Guerra dos EUA, e Trump têm essas características. São dois lunáticos, misóginos, egocêntricos, fanáticos, ignorantes, sem experiência de Estado e sem conhecimento de história política e militar. Hegseth sustenta que a campanha contra o Irã é uma cruzada, uma guerra santa. Ele associa o conflito ao Armagedon, ao fim dos tempos e ao retorno de Jesus. O grande perigo no momento é que o maior poderio militar do planeta está sob o comando de pessoas enlouquecidas. •